

O DIVERSO COMO FUNDAMENTO DA(S) POÉTICA(S) DE ÉDOUARD GLISSANT

Andrei Ferreira LIMA¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo oferecer uma perspectiva geral sobre o conceito do Diverso e discutir sua presença como aspecto fundamental na(s) poética(s) de Édouard Glissant, de modo a introduzir o leitor à problemática da Relação, levando em conta as noções de língua, cultura e identidade como seus principais agentes. Considerando-se ainda o Diverso como chave de leitura das inter-relações culturais e identitárias na modernidade, serão discutidos os conceitos de rizoma, “totalidade-mundo” e “crioulização”, os quais constituem os alicerces do pensamento glissantiano e participam de uma nova proposta discursiva voltada para a afirmação da pluralidade e diversidade. Neste processo, enfim, examina-se a articulação do conceito do Diverso com outras instâncias da(s) poética(s) de Glissant, tais como paisagem, tempo e linguagem, no sentido de constatar sua integração e interdependência.

PALAVRAS-CHAVE: Diverso, poética, relação, cultura, identidade.

¹ Mestrando pelo Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da FFLCH-USP.

LE DIVERS EN TANT QUE FONDEMENT DE LA (DES) POÉTIQUE(S) D'ÉDOUARD GLISSANT

RÉSUMÉ : Cet article a pour but d'offrir une perspective générale sur le concept du Divers et de discuter sa présence comme aspect fondamental dans la(les) poétique(s) d'Édouard Glissant, de façon à introduire le lecteur à la problématique de la Relation, en tenant compte des notions de langue, culture et identité comme ses agents principaux. Considérant également le Divers comme la clé de lecture des interrelations culturelles et identitaires dans la modernité, seront discutés les concepts de rizhome, « totalité-monde » et « créolisation », lesquels constituent les bases de la pensée glissantienne et participent d'une nouvelle proposition discursive tournée vers l'affirmation de la pluralité et de la diversité. Dans ce processus, enfin, on examinera l'articulation du concept du Divers avec d'autres instances de la(des) poétique(s) de Glissant, tels que paysage, temps e langage, afin de constater son intégration et interdépendance.

MOTS-CLÉS : Divers, poétique, relation, culture, identité.

INTRODUÇÃO

A noção de poética em Édouard Glissant, enquanto proposta discursiva de leitura do mundo, constitui um caminho de abertura para o Diverso, que vem a ser simultaneamente seu fundamento epistemológico e objeto principal. O sentido de pluralidade que se buscou sugerir no título deste texto por meio da inclusão dos “ss” finais, quando se fala “da(s) poética(s)” de Glissant, está relacionado ao fato de que essa noção, coesa e integrada, participa de um regime de expressões múltiplas, ora figurando como uma *Intention poétique* (1969), ora como uma *Poétique de la Relation* (1990) ou ainda como [*Introdução a uma*] *Poética da diversidade* (1995)², embora o que esteja em jogo seja sempre a mesma concepção, a mesma ideia, articulada sob pontos de vista críticos diferentes³. Nesse caso, o traço comum que une esses “momentos” distintos da manifestação do conceito pode ser desde já identificado com o Diverso, termo este que traduz os entrecruzamentos, contatos e intercâmbios entre culturas, tradições e línguas, ou, para usar uma metáfora glissantiana, o próprio “caos-mundo”⁴ das trocas e transformações em devir.

² Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

³ As obras citadas, junto a *Le Discours antillais* (1981), definem o programa epistemológico da(s) poética(s) de Glissant.

⁴ A noção de “caos-mundo” trata de uma ruptura das estruturas convencionais e de uma abertura ampla da linguagem, representando um movimento dinâmico em direção ao novo e à diversidade.

O DIVERSO E A “IDENTIDADE -RIZOMA”

Assim, o Diverso se faz um termo essencial da poética concebida por Glissant, surgindo como núcleo de um pensamento inaugural que procura oferecer novas perspectivas a partir das quais possam ser reavaliados e reinterpretados os territórios e fronteiras intelectuais, especialmente naquilo que diz respeito aos processos históricos ligados às construções identitárias, linguísticas e culturais. Eis, então, o porquê de o conceito aparecer intimamente ligado à imagem marcante da “identidade-rizoma”, da qual o autor se serve, a um só passo, para definir sua poética relacional⁵ e introduzir a problemática da alteridade, que trata como “o pensamento do Outro”. Tal metáfora alude a determinado paradigma formal presente na paisagem antilhana, a *mangrove*⁶, ou seja, um complexo vegetal inextricável característico das regiões tropicais, mas também à noção filosófica desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs* (1980), sendo, pois, elucidativa da proposta assumida pelo escritor, na medida em que incorpora a noção mesma de diversidade tão profundamente vinculada ao caráter das identidades culturais no mundo contemporâneo.

O rizoma, como abstração, opõe-se à raiz, posto que se configura a partir da perspectiva de um multidirecionamento, como desdobramento de feixes que se entrelaçam e multiplicam ao infinito, e não de uma perspectiva unilateral, cujo eixo estaria situado na chamada “origem única”. Em outras palavras, a “identidade-rizoma” não provém de uma raiz fixa e una, mas de dimensões e direções várias. Daí a intenção maior do autor, que, por meio dessa imagem, logra também refutar a

[...] concepção sublime e mortal que os povos da Europa e as culturas ocidentais veicularam no mundo; ou seja, toda identidade é uma identidade de raiz única e exclui o outro. Essa visão da identidade se opõe à noção hoje “real”, nas culturas compósitas, da identidade como fator e como resultado de uma criouliização, ou seja, da identidade como rizoma, da identidade não mais como raiz única mas como raiz indo ao encontro de outras raízes (GLISSANT, 2005: 27).

⁵ A chamada Poética da Relação foi concebida formalmente no cerne de *Le Discours antillais*, seção 45, e está ligada à noção de integração ao diálogo intercultural. Este modelo vem contrapor-se àquilo que Glissant nomeia “universal generalizante”, ou seja, a primazia do eu nas filosofias e ideologias ocidentais (1981: 249). Em lugar disso, a Relação introduz um nós aberto para o encontro com o plural e o Diverso. Ver adiante Damato (1996: 185).

⁶ Trata-se do manguezal. Este tipo de floresta é caracterizado por árvores de raízes aéreas que, confundindo-se com galhos e ramos em profusão, formam um emaranhado vertiginoso. A imagem, portanto, é bastante apropriada para ilustrar a noção de diversidade relativa às identidades culturais.

A “TOTALIDADE-MUNDO”

Assim emerge a noção de uma “totalidade-mundo” em oposição à unicidade e universalidade, a ideia de trocas constantes e contato dialógico, mas principalmente de interdependência e simbiose, entre os termos obtidos por derivação da nomeada “identidade-rizoma”: identidade/diversidade/alteridade. Termos estes que descrevem novos modos de se perceber a cultura:

Enquanto não tivermos aceitado a ideia – não apenas através do conceito, mas graças ao imaginário das humanidades – de que a totalidade-mundo é um rizoma no qual todos têm necessidade de todos, é evidente que haverá culturas que estarão ameaçadas. Não será nem através da força, nem através do conceito que protegeremos essas culturas, mas através do imaginário da totalidade-mundo, isto é, através da necessidade vivida do seguinte fato: todas as culturas têm necessidade de todas as culturas (GLISSANT, 2005: 156).

No caso, o que o autor procura insistentemente fazer ver é a verdade simples de que toda cultura é heterogênea e forma-se a partir do contato necessário com outras culturas, não havendo, portanto, razão de ser para a perpetuação das noções de “origem”, “genealogia” ou “princípio”, tão recorrentes nos discursos histórico e antropológico ocidentais. Afinal, o Diverso passa pela “totalidade dos povos e das comunidades”, opondo-se ao Mesmo generalizante, à “diferença sublimada”, ao se fazer enquanto “diferença consentida” (GLISSANT, 1981: 191)⁷.

Esta elaboração por Glissant reflete uma percepção de mundo acentuada, potencializada inclusive, por suas próprias vivências e experiências nas Antilhas, onde as questões linguísticas, culturais e identitárias figuram como parte de uma realidade efetiva, *diacronicamente* constituída⁸. São estas vivências e experiências locais que nutrem seu pensamento e seu posicionamento crítico. Como antecipa em *Le Discours antillais* (1981):

O Diverso, que não é o caótico nem o estéril, significa o esforço do espírito humano em direção a uma relação transversal, sem transcendência universalista. O Diverso tem necessidade da presença dos povos, não mais como objeto a sublimar, mas como projeto a pôr em relação. O Mesmo re-

⁷ Todas as traduções neste texto, salvo quando indicado, são nossas.

⁸ Preferimos apresentar estas questões em termos de um estabelecimento *diacrônico*, isto é, no sentido literal da palavra, que vem a ser “através do tempo”, e não em termos de um estabelecimento *histórico*, pois esta última noção é justamente uma das mais questionadas por Glissant, que afirma em desafio que as Antilhas são o lugar de uma “não-história” (1981: 131). Claro deve restar, no entanto, que a noção de história à qual se contrapõe o autor é aquela legada pelo Ocidente, a História com “h” maiúsculo como diz, totalitária e centralizadora.

quer o Ser, o Diverso estabelece a Relação. [...] Como o Mesmo se eleva *no* êxtase dos indivíduos, o Diverso se espalha *pelo* transporte das comunidades. Como o Outro é a tentação do Mesmo, o Todo é a exigência do Diverso (GLISSANT, 1981: 190 – grifos no original).

Aspectos tais como diversidade, heterodoxia e pluralidade são dados postos na “totalidade-mundo” antilhana, e é com base nesse referencial familiar que Glissant desenvolve sua proposta poética para a leitura dos movimentos (convergentes, divergentes, caóticos) na esfera das atividades humanas.

“CRIOLIZAÇÃO” E “PENSAMENTO ARQUIPELAGO”: OUTROS MODOS DE PENSAR O DIVERSO

O veículo conceitual dessa proposta é a “crioulização”, ou miscigenação, de caráter contínuo e irrefreável, que gradualmente ganha espaço no mundo, isso graças à evolução e ao alcance dos meios de comunicação e às novas formas de interação, as quais permitem uma circulação de elementos culturais e uma partilha de ideias em fluxo constante. Para o autor, a “crioulização” configura um fenômeno global: “Eu nomeio crioulização o encontro, a interferência, o choque, as harmonias e as desarmonias entre as culturas, na totalidade realizada do mundo-terra. [...] Minha proposição é que hoje o mundo inteiro se criouliza e arquipeliza” (GLISSANT, 1997: 194).

Não é difícil reconhecer na adoção desse conceito e no modo como Glissant expressa seu ponto de vista o papel predominante da experiência da diversidade: o mundo acaba por tornar-se um arquipélago, como ocorre com a paisagem antilhana, espacialmente fragmentária e descontínua, fracionada em diminutas porções de terra; e acaba por “crioulizar-se”, como é crioula a sociedade antilhana, isto é, heteróclita ou compósita, segundo Glissant. A imagem do arquipélago associa-se à Relação: “Todo pensamento arquipélago é pensamento do tremor, da não-presunção, mas também da abertura e da partilha” (GLISSANT, 1997: 231); e a “crioulização” representa a potencialidade das manifestações do Diverso na contemporaneidade, podendo ser definida como o “encontro de elementos culturais vindos de horizontes absolutamente diversos e que realmente se crioulizam, realmente se imbricam e se confundem um no outro para dar nascimento a algo absolutamente imprevisível, absolutamente novo [...]” (GLISSANT, 2005: 17-18).

A metáfora do arquipélago remete à ideia central do pensamento glissantiano de que a difração do espaço antilhano conforma uma abertura para a utopia da “totalidade-mundo”, onde as identidades se constituem em relação ao Diverso. Nas palavras do autor:

Num tal contexto, a insularidade toma um outro sentido. Pronunciamos ordinariamente a insularidade como um modo de isolamento, como uma nevrose de espaço. No Caribe, todavia, cada ilha é uma abertura. A dialética Fora-Dentro retoma o assalto Terra-Mar. [...] O imaginário das Antilhas nos libera do sufocamento (GLISSANT, 1981: 249-250).

Por outro lado, a noção de “crioulização”, enquanto imagem da miscigenação ou mestiçagem étnica, linguística e cultural, também ela extraída do contexto antilhano, vem afirmar as vias de configuração de uma realidade multicultural no mundo contemporâneo. Conforme esclarece Glissant:

Se falamos de culturas mestiças (como a antilhana por exemplo), não é para definir uma categoria em si que se oporia a outras categorias (de culturas “puras”), mas para afirmar que hoje se abre para a mentalidade humana uma aproximação infinita da Relação, como consciência e como projeto: como teoria e como realidade (GLISSANT, 1981: 250).

E ainda uma vez o pensador procura iluminar o caminho de leitura e interpretação do conceito:

A mestiçagem enquanto proposição não é de chofre a exaltação da formação composta de um povo: nenhum povo, com efeito, foi preservado dos cruzamentos raciais. A mestiçagem como proposição sublinha que doravante é inoperante glorificar uma origem “única” onde a raça seria guardiã e continuadora (GLISSANT, 1981: 250).

Assim, Glissant assinala a recusa da mestiçagem enquanto categoria, para tão logo assumi-la enquanto proposição essencial para as reflexões acerca do Diverso: “A mestiçagem como proposição supõe a negação da mestiçagem como categoria, consagrando uma mestiçagem de fato que o imaginário humano sempre quis (na tradição ocidental) negar ou dissimular” (GLISSANT, 1981: 251). De modo que a própria noção de Relação envolve a compreensão do que vem a ser a mestiçagem nesse contexto: “A poética da mestiçagem é a mesma da Relação: não-linear e não-profética, tecida de árduas paciências, de derivados incompreensíveis” (GLISSANT, 1981: 251).

Se ao Diverso é concedida tamanha importância na poética glissantiana, isso se deve ao fato de ele ilustrar à perfeição, para usar o mesmo argumento de Gysse (2002: 178), “a hibridização identitária, a crioulização e a mestiçagem tanto biológica, cultural, linguística, quanto geográfica, características da realidade caribenha”. Mas o autor não está só nesta conceptualização da diversidade como chave metafó-

rica para a descrição dos diálogos interculturais na modernidade. No domínio das ciências sociais, James Clifford desenvolveu a noção de um movimento amplo, denominado “*traveling cultures*”, que daria às sociedades atuais contornos moventes, e também Zygmunt Bauman trabalhou a ideia de mobilidade e fluidez a partir da imagem da “modernidade líquida”⁹. Sendo que todas essas perspectivas, direta ou indiretamente, convergem para um eixo comum nos estudos culturais, onde, como bem define Joan Scott (1995: 05), “‘Diversidade’ refere-se a uma pluralidade de identidades, e é vista como uma condição da existência humana e não como o efeito de uma enunciação de diferença que constitui hierarquias e assimetrias de poder”.

PAISAGEM, TEMPO, LINGUAGEM

Vistos estes diferentes aspectos do Diverso, pode-se constatar o alcance da afirmação de Glissant sobre aquilo que considera como as três dimensões da poética, seus alicerces: a paisagem, o tempo e a linguagem. São, com efeito, três dimensões interdependentes que, concebidas a partir de determinadas experiências do autor, forjam a estética do Diverso.

A paisagem das Antilhas, o espaço em si, é uma abertura para a “totalidade-mundo”, cujo pressuposto vem a ser a ideia de “viver o local” como *entremeio*¹⁰ para penetrar o Todo-mundo: “[O lugar] é incontornável. Mas se você deseja aproveitar esse lugar que te foi dado, reflita que doravante todos os lugares do mundo se reencontram, até os espaços siderais. [...] Conceba a extensão e seu mistério tão abordável” (GLISSANT, 1993: 29).

O tratamento dispensado ao lugar expressa uma concepção do mundo estruturada à luz da multiplicidade e da transformação, que integram a estética do Diverso e sugerem o entrecruzamento dos espaços e regiões num vasto arquipélago onde se encontram e interagem as culturas e identidades.

O Diverso é, portanto, passagem, travessia entre o lugar e o mundo, entre uma cultura e outra: “É um trajeto de errância, do lugar à totalidade, e inversamente” (GLISSANT, 1997: 183). Na esfera do lugar (*topos*), o Diverso é, em suma, um “movimento desobstruente, que leva do nosso lugar ao pensamento do mundo” (GLISSANT, 1997: 246).

Já o tempo surge como componente da(s) poética(s) de Glissant por estar diretamente associado às noções de memória e pertencimento, que o autor explora em sua abordagem das relações identitárias na contemporaneidade. Trata-se de uma dimensão que envolve as aproximações entre culturas na “totalidade-mundo” atu-

⁹ Cf. CLIFFORD, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997; e BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. [1ª ed. orig. 2000].

¹⁰ A noção de *entremeio* relacionada à paisagem antilhana está intimamente atrelada ao Diverso. Na(s) poética(s) de Glissant, as Antilhas seriam uma prefiguração das instâncias da diversidade que ganha espaço no mundo contemporâneo – ali “cada ilha é uma abertura” (1981: 249) e um espaço de *entremeio* para o encontro de culturas.

al, articulada aos eventos e à história. Esta articulação, na verdade, assinala sua importância, conforme pensa o autor, para a poética e a política.

Através das conceptualizações sobre o tempo, cujos movimentos estão implicados na constituição do Diverso, define-se uma proposta de visão multiforme da realidade sociocultural do mundo, característica da poética glissantiana. O tempo expande potencialidades em devir: “Seria isso entrar no devir? E entraríamos nesse devir porque nos encontraríamos conectados ao resto do mundo, que sabíamos como ia, à falta de saber onde, em quais direções e por quais resultados?” (GLISSANT, 1993: 136).

Em outras palavras, o tempo funciona, na estética do Diverso, como agente da memória intercultural que se produz hoje sob o signo da pluralidade e do intercâmbio. Novamente um traço da realidade antilhana, a experiência temporal não-linear, serve como modelo relacional para descrever a diversidade, agora manifesta na “totalidade-mundo”.

Por fim, a dimensão da linguagem se traduz como multilinguismo, o qual é percebido por Glissant como plataforma para os diálogos culturais no mundo atual, onde a “crioulização” se expande para além de quaisquer limites ou fronteiras, sejam políticas ou ideológicas: “o multilinguismo não supõe a coexistência das línguas nem o conhecimento de várias línguas, mas a presença das línguas do mundo na prática de sua própria língua; é isso que chamo de multilinguismo” (GLISSANT, 2005: 51). Nesse sentido, o conceito representa uma ação dinâmica que engloba todas as culturas, promovendo a abertura dos *tópoi* e paisagens para integrar os indivíduos ao “pensamento-arquipélago”. Esta abertura traduz, em suma, a “multi-relação” que preside o “imaginário das línguas” em sua constituição a partir dos entrecruzamentos culturais. Como lembra o autor,

Não é uma questão de falar as línguas. Não é esse o problema. Pode-se falar apenas a sua língua. Trata-se da maneira mesma de se falar a própria língua: aberta ou fechada, ignorando-se a presença das outras línguas ou tendo-se a pré-ciência de que as outras línguas existem e de que elas nos influenciam mesmo sem que o saibamos (GLISSANT, 2005: 145).

Nesta definição, vale lembrar, retorna outra parcela da experiência da diversidade familiar ao pensador martiniquense, a saber, a diglossia¹¹. Esta experiência singular da diglossia, que alimentou as discussões de muitos dos autores do círculo de

¹¹ Termo de raiz grega introduzido no domínio da sociolinguística por Charles A. Ferguson, em artigo publicado em 1959. A diglossia é definida como a situação linguística em que duas línguas coexistem, sendo que o emprego de uma está sujeito à condição comunicacional da outra, acrescido o valor de hierarquia que distingue este conceito da simples noção de bilinguismo. Há, nesse sentido, a ideia de dominação de uma língua A sobre uma língua B numa dada comunidade, em determinado contexto, como acontece nas Antilhas francesas entre o francês (idioma oficial) e o crioulo (língua híbrida local).

Glissant, especialmente Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant¹², demanda uma postura conciliatória, posto que “o imaginário do homem antilhano precisa da língua crioula e da língua francesa” (GLISSANT, 2005: 51), de modo que a convivência com estes idiomas cria as condições necessárias para a “totalidade-mundo”, para a integração plurilinguística e de diferentes formas de pensar: “Falo e sobretudo escrevo na presença de todas as línguas do mundo” (GLISSANT, 2005: 49).

Logo se vê, o fluxo entre estas dimensões essenciais da poética de Glissant conduz inevitavelmente ao Diverso – fundamento da Relação como proposta de leitura das pluralidades culturais e identitárias vigentes nas sociedades modernas. Aqui, conforme assinala Diva Damato (1996), há uma harmonia entre paisagem, tempo e linguagem, e uma perfeita integração conceitual entre o Diverso e a Relação, onde o Um torna-se plural e o eu torna-se um nós abrangente e dinâmico:

O tempo do Diverso corresponde à poética da Relação: o Um é substituído pelo plural, o absoluto, pelo relativo, a hierarquia, pela relação igualitária, a História, pelas histórias.

O Diverso não significa a eliminação do Um mas o fim da sua dominação. Os povos emergentes ao contestarem a predominância do Ocidente integram-se no mundo, forçam-no a relativizar-se.

O Diverso é plural. Assistiríamos então à substituição do **eu** pelo **nós**, mas um **nós** que não esmague nem dilua o **eu**, onde o **nós** implique o **eu**. O Diverso não é um conjunto de indivíduos mas um feixe de relações (DAMATO, 1996: 185 - grifos no original).

Paisagem, tempo e linguagem unem-se, enfim, na afirmação dessa poética da diversidade, poética rizomática que ajuda a compreender um mundo em transformação: “Aqui e agora, a poética seria e desposa os sabores dos países, ao mesmo tempo que ela os precipita no conhecimento certo não do Outro mas da relação ao Outro conhecido” (GLISSANT, 1969: 22).

¹² Vale notar que para estes autores, signatários (com Jean Bernabé) do manifesto *Éloge de la créolité* (1993), a questão é colocada também em termos de escrita propriamente dita, isto é, de que modo trabalhar esta experiência da diglossia no âmbito do fazer literário. Para maior penetração no assunto, cf. CHAMOISEAU, P. *Écrire en pays dominé*. Paris: Gallimard, 1997; e LUDWIG, R. *Écrire la « parole de nuit »*. *La nouvelle littérature antillaise*. Paris: Gallimard, 1994.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se observou ao longo deste percurso, o Diverso aparece como elemento formador da poética de Édouard Glissant, como núcleo de uma proposição voltada para a leitura dos fenômenos históricos de ordem cultural e identitária: onde a realidade antilhana, marcada pela multiplicidade, levaria à percepção da “totalidade-mundo”. Porque o Diverso é um modo de supor o “pensamento arquipélago”, as culturas moventes e a “crioulização”, é também, ao cabo, “uma outra maneira de frequentar este mundo, uma atividade ardente do imaginário, uma transformação real do espírito e da sensibilidade [...]” (GLISSANT, 1993: 48). Como tal, o Diverso cria um lugar discursivo e epistemológico de onde surgem novas significações para os contatos interculturais: a “multirrelação” que descreve a diversidade étnica e cultural, a “identidade-rizoma” que supera as noções de origem e unicidade num processo intelectual de sedimentação da memória em torno de um imaginário aberto para o infinito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAMATO, D. B. *Édouard Glissant: Poética e Política*. São Paulo: Annablume, 1996.
- GLISSANT, É. *L'Intention poétique. Poétique II*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.
- _____. *Le Discours antillais*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.
- _____. *Poétique de la Relation. Poétique III*. Paris: Gallimard, 1990.
- _____. *Tout-monde*. Paris: Gallimard, 1993.
- _____. *Traité du Tout-monde. Poétique IV*. Paris: Gallimard, 1997.
- _____. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Alber-
garia Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005. [1ª ed. orig. 1995].
- GYSSELS, K. “Fils et filles d’Anancy: exil diasporique et identité métissée chez Schwarz-Bart et Marshall”. In: *Revue de littérature comparée*, n° 302, 2002/2, p. 178-190.
- SCOTT, J. W. “Multiculturalism and the Politics of Indentity”. In: RAJCHMAN, J. (ed.). *The Identity in Question*. Nova Iorque/Londres: Routledge, 1995, pp. 03-12.